

## **IV Encontro de Memórias e História da Educação Profissional: Coleções, Acervos e Centros de Memória**

### **O Centro de Memória IFF - Noroeste Fluminense e a difusão da história institucional escolar através de ações de extensão e de pesquisa**

Fernanda Lima Rabelo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF)

E-mail para contato: frabelo@iff.edu.br

A memória local é considerada, hoje, aspecto fundamental de estudos acadêmicos, especialmente históricos e sociológicos, que buscam valorizar a identidade local, hábitos culturais, lugares de convívio social ou instituições que muitas vezes não existem mais como no passado, para que estas não “desapareçam” em meio ao forte processo de globalização que passamos. Esta identidade local e, especialmente, interiorizada, se torna foco cada vez maior de estudos com o surgimento dos Centros de Memória em universidades, escolas técnicas no interior de estados e em municípios com poucas ações de salvaguarda de memória, museus ou centros de pesquisa histórica.

A partir do surgimento dos Institutos Federais de Educação e Tecnologia, de experiências de escolas profissionalizantes anteriores e de acordo com o Eixo Temático do Encontro, *“Coleção, Acervos e Centros de Memória como lugares vivos e dinâmicos na difusão de processos de produção de saberes e de conhecimento na educação profissional e tecnológica”*, busca-se pensar o papel institucional e extensionista dos Centros de Memória recém-criados em Instituto Federais, especialmente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), uma vez que praticamente todos os Institutos contêm *campi* interiorizados de ensino. Desta forma, a implementação de Centros de Memória para se preservar, valorizar ou “revalorizar” estes espaços educacionais, funcionou como ponto de partida para se pensar em temas de memória e da memória institucional, foco desta apresentação.

Neste sentido, nos embasamos na análise da memória e da História local, por meio de leituras e de trabalho de pesquisa em História Oral, especialmente, para compor nosso *métier* de pesquisa. A memória, a partir dos estudos de Pierre Nora (1993) e Maurice Halbwachs (1990), possibilita desvendar o que a História não desvenda, que é a continuidade de uma relação passado-presente por meio do fenômeno da lembrança e fortemente relacionado a indivíduos

que compartilham experiências. Esse compartilhamento de experiências, fundamental na constituição de uma memória coletiva, tem uma vocação, como Nora (1993) afirma, mais ligada a grupos específicos, menos universal, e, portanto, relacionada a uma História local ou regional:

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação universal. (NORA, 1993: 9)

Na sua relação com o presente, a memória, de acordo com Nora e Halbwachs, se relaciona mais intimamente do que os estudos da História. Apesar do crescimento dos estudos do tempo presente na área da História, Halbwachs relaciona a História intimamente a ações do passado com poucas relações diretas com o presente, mas indiretas. O campo da História, porém, tem se aberto, cada vez mais, ao relacionamento contínuo passado-presente, foco do nosso trabalho. A análise de Halbwachs não compartimenta a visão de História renovada presente nos acadêmicos de *Annales*, mas corrobora a relevância dos estudos históricos focados no tempo recente e relacionados à memória:

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. (...)

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparadas por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 1990: 67-72).

A partir da relação História-Memória, pretende-se analisar, com as memórias de ex-servidores, ex-professores e alunos egressos do atual Campus Bom Jesus do IFF, assim como de professores e servidores que permanecem na instituição, como essas lembranças se entrelaçam e sua relação com práticas de ensino e administrativas atuais, dando continuidade ou modificando procedimentos e práticas da instituição de ensino. Além disso, buscou-se valorizar a memória da instituição com estudos e pesquisas que mostrassem sua origem, sua relevância local no passado, e relacionando-a com uma História em permanente construção, que não foi dissipada com a transformação do Colégio em Campus do Instituto Federal, mas transformada, em um processo de reconstrução do passado que tem uma forte continuidade.

Para tal análise, objetivamos apresentar o projeto de criação de Centros de Memória do IFF a partir de pesquisas, ações e culminância de projetos com resultados, realizados até o

momento, no Campus Bom Jesus do Itabapoana. Mais comumente chamado *Campus Bom Jesus*, esta unidade interiorizada de ensino se vinculou ao IFF em dezembro de 2008. O Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense, localizado neste Campus, foi criado a partir de edital de projeto de extensão em julho de 2012, com o objetivo de efetuar ações de salvaguarda e de divulgação de pesquisas ligadas à História e à memória local. Neste mesmo ano, quatro instituições de ensino do IFF aderiram ao projeto de Centros de Memória: Campus Campos dos Goytacazes Centro, Campus Avançado Rio Paraíba do Sul, Campus Bom Jesus e Campus Quissamã. Estes campi se localizam em municípios do Norte Fluminense e Noroeste Fluminense, sendo o único do Noroeste Fluminense o Campus Bom Jesus.

O projeto de criação de Centros de Memória é um projeto em desenvolvimento, devido ao pouco tempo de criação dos mesmos. Renovado por meio de editais, no início do ano de 2014 surgiu a primeira iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura em transformá-los em instituições fixas nos Campi. Hoje, o IFF conta com sete centros de memória: além dos já citados, foram criados os Centros de Memória do Campus Itaperuna (Noroeste Fluminense), Campus Macaé (Norte Fluminense), Campus Cabo Frio (Baixadas Litorâneas) e Campus Guarus (Norte Fluminense). Cada Centro de Memória realiza diferentes pesquisas e ações de extensão na área da História e memória. Como exemplo, podemos citar ações de salvaguarda da cultura ribeirinha de Campos dos Goytacazes, do patrimônio arquitetônico do Centro do mesmo município, de manutenção e pesquisa do acervo institucional do Campus Macaé e de ações de educação patrimonial e salvaguarda de tradições da cultura quilombola de Quissamã.

Localizado no Noroeste Fluminense, uma região com poucas ações de salvaguarda e estudos de memória, caracterizada por baixo desenvolvimento econômico e baixo IDH no estado do Rio de Janeiro (IBGE, 2010), o Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense busca renovar a visão de uma História que muitos moradores temem desaparecer, devido às ações do tempo, e de uma identidade local, que se dissipa com a gradual migração de habitantes para áreas mais enriquecidas e com maior geração de empregos do Estado do Rio Janeiro. Devido ao papel pouco destacado atualmente desta região na economia fluminense, há também uma tendência forte na região de desvalorização de sua própria memória, situação essa que se agravou nas décadas de 1980 e 1990 e a crise financeira a qual o país e o estado do Rio de Janeiro passaram.

Os institutos federais, instituições recentes na nossa História educacional, criados em 2008, vieram a cumprir um papel de promotores de uma educação técnica e tecnológica no interior do país, expandindo a rede federal de escolas profissionalizantes já existentes. O projeto de associação de cursos técnicos, integrados ao ensino médio, superiores na área tecnológica e complementares às necessidades do mercado de trabalho já existiu em diferentes momentos

do nosso passado educacional, destacando-se as décadas de 1940, 1960 e 1970 (PACHECO, PEREIRA E DOMINGUES SOBRINHO, 2009). Quando da criação dos primeiros institutos, em 2008, muitas destas escolas técnicas pertenciam a quadros dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETS) ou mesmo escolas técnicas vinculadas às universidades, como é o caso do Campus Bom Jesus.

O Centro de Memória de Bom Jesus buscou, assim, realizar ações que privilegiassem a pesquisa e a divulgação do patrimônio material e imaterial regional, na perspectiva de privilegiar regiões interiorizadas de atuação do Campus, que abarca o noroeste do estado do Rio de Janeiro e o sul do estado do Espírito Santo, devido à diversidade de alunos recebidos na instituição destas regiões.

A primeira ação do Centro foi de trabalhar por meio de projetos de pesquisas vinculadas à realidade local e coordenados por professores da instituição. Coordenado pelo professor de Sociologia Eduardo Moreira, o projeto “Lugares de Memória de Bom Jesus do Itabapoana”, ainda em andamento, busca valorizar espaços relevantes do passado de Bom Jesus e que não existem mais ou não funcionam mais da forma como foram concebidos, a destacar: o Cineteatro Monte Líbano, o Aeroclube de Bom Jesus, o Olympico Futebol Clube, clube que comemora este ano cem anos, a Festa de Agosto, festa tradicional do município e a Lira Bonjesuense. A segunda pesquisa, coordenada pela professora de Geografia Laila Pessanha, “Desenvolvimento urbano e comercial em Bom Jesus do Itabapoana”, ainda em andamento, busca realizar pesquisas sobre o crescimento urbano e do comércio no município, a partir do estudo de ciclos econômicos e mudança de atividades produtivas para terciárias. A terceira pesquisa, foco do nosso trabalho realizado desde 2012, “Memórias do CTAIBB/IFF Bom Jesus”, se vincula à História Institucional do Campus Bom Jesus, uma escola agrotécnica municipal e posteriormente federal, criada em 1970 e federalizada em 1976, quando se tornou colégio agrícola vinculado à Universidade Federal Fluminense, com sede em Niterói.

A iniciativa de pesquisar a memória institucional surgiu da própria comunidade de professores e servidores da instituição, que buscavam, há tempos, recriar a História institucional por meio de ações de pesquisa, porém sem saber como realizar estas pesquisas de cunho histórico. A partir desta necessidade, no momento em que as ações do Centro de Memória começaram, iniciaram-se as ações de pesquisa sobre a memória institucional, de forma sistemática e com o uso de múltiplas fontes históricas.

A partir da análise de documentos institucionais, de organização e identificação de fotografias e do uso da memória oral, buscou-se criar meios de preservação da sua História e de sua memória. O primeiro passo foi salvaguardar fotografias da instituição, que estavam

guardadas em local não apropriado, e identificá-las, por meio de informações da comunidade de antigos professores e servidores que ainda pertencem aos quadros da instituição. Após a identificação destas fotografias, foi iniciado um trabalho de organização, catalogação e digitalização das mesmas. Buscamos também, por meio de ações de divulgação na internet e exposições, tornar conhecida esta história.

Em relação à sua história institucional, inicialmente, o Colégio Técnico, vinculado à Prefeitura de Bom Jesus do Itabapoana, iniciou suas atividades como colégio técnico agropecuário, com vias de expandir suas ações profissionalizantes para veterinária e zootecnia. Inaugurada em 9 de abril de 1970, seu fundador, Ildefonso Bastos Borges, um ex-técnico do Ministério da Agricultura, veterinário local e de família tradicional, visionava transformar o colégio em um centro de estudos universitários. Porém, Ildefonso faleceu no dia da inauguração do Colégio, se tornando, assim, um verdadeiro símbolo para a instituição que recebeu o nome de Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges (CTAIBB). Em 1976, com a transição para a UFF, o CTAIBB expandiu atividades de pesquisa, vinculando estágios de alunos de Veterinária na instituição. Com o tempo, o Colégio passou a se tornar uma referência de memória importante em Bom Jesus do Itabapoana, único município do Noroeste Fluminense a sediar um Colégio Universitário. (RABELO E MOREIRA, 2013)

O CTAIBB, assim, se tornou um local de referência para a história de Bom Jesus, e por gerações esteve vinculado à memória do município, de municípios vizinhos e seus habitantes. Por se chamar Colégio Técnico Agrícola, recebeu o apelido de “Agrícola”, presente até hoje na memória dos moradores que resistem em chamá-lo de IFF ou Campus Bom Jesus. Apesar dos estudos de produção animal crescerem com o passar dos anos, a vinculação com as ciências agrícolas sempre foi muito forte. No imaginário social daquela comunidade, o Colégio tinha uma dupla representação: inicialmente, voltado para os estudos técnicos e ao campo; posteriormente, um colégio federal com Ensino Médio forte, e que, portanto, era uma referência importante para os filhos da classe média que desejavam estudar na universidade.

Por meio da História Oral, as diferentes visões sobre o CTAIBB e a atual visão existente do Campus podem ser melhor compreendidas. O Centro de Memória do Campus Bom Jesus foi criado com o objetivo inicial de constituir acervo de entrevistas para futuras pesquisas sobre a memória regional, a qual a instituição de ensino tem um papel fundamental na consolidação de uma identidade local. A partir da entrevista de ex-alunos, servidores e professores que ainda atuam no Campus, foi possível ter uma visão mais ampla da construção desta identidade e de como a memória institucional foi construída.

As entrevistas tiveram como base o modelo adotado pelo Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, um dos primeiros a adotar técnicas e procedimentos de entrevistas e salvaguarda das mesmas no Brasil. A partir da conceituação teórica e das técnicas de pesquisa oral de Verena Alberti (2004) e Janaína Amado e Marieta de M. Ferreira (1996), privilegiou-se a constituição de acervos de entrevistas para este projeto e para outros projetos do Centro de Memória IFF Noroeste Fluminense. Devido ao pouco acesso a fontes documentais escritas, as fontes orais se tornam ricas fontes de informação sobre lugares de memória local. Porém, só elas não bastam para a pesquisa; é necessário cotejá-las com intensa pesquisa imagética e documental, efetuada a partir de documentos guardados da instituição em sala apropriada e organizados no passado, o que possibilitou um reconhecimento maior dos processos institucionais os quais o Campus passou, desde sua criação até a transição para o Campus do IFF.

Na análise do uso de fontes orais como fontes de memória, é necessário pensar no narrador como um sujeito complexo e não somente uma fonte histórica; contextualizar sua importância para o projeto e seu roteiro de entrevista; conhecê-lo melhor para familiarizá-lo com a pesquisa e também compreender o papel do discurso na entrevista, como é comum em casos em que ocorre um “silenciamento” da memória, analisado por Pollack (1989) como o “não-dito”. É necessário compreender que a memória é seletiva; é contraditória; é única e ao mesmo tempo, coletiva, corroborando ou afastando sentidos comuns da cultura local. Como bem analisa Verena Alberti (2012), é importante entender para quem o entrevistado fala, qual instituição e para qual propósito. Isso pode mudar completamente o discurso, ou fazer com que o mesmo se torne peça chave no entendimento da memória local:

E nossos entrevistados? Para quem falam? Para nós, os entrevistadores, certamente – e por isso é tão importante, para a análise da entrevista, saber quem é o entrevistador e como ele se apresentou, para entendermos a relação de entrevista que ali se estabeleceu e, por extensão, entendermos (ou procurarmos entender), porque o entrevistado disse o que disse. O entrevistado também fala para nossas instituições, depositárias de nossas entrevistas e, muitas vezes, vistas como depositárias da própria História. (...) Em alguns casos, o entrevistado também fala para a comunidade acadêmica, para aqueles que vão escrever a história daquele acontecimento ou período. E, finalmente, ele fala para os pares – tanto os que participaram do mesmo movimento ou ação como os opositores. (ALBERTI, 2012: 162-163)

Desta forma, o uso de depoimentos e a constituição de acervo de entrevistas no Centro de Memória não estão ligados a um resgate simples e puro de acontecimentos do passado. Eles

estão ligados a uma valorização da memória de sujeitos que necessitam de uma revalorização a partir do momento em que esta memória começa a ser esquecida ou suplantada por novas memórias. A análise do discurso das entrevistas, a partir de uma perspectiva de compreensão do sujeito, sua experiência pessoal e sua experiência compartilhada deve apenas servir como uma das muitas fontes de análise do historiador na reconstituição de uma História local.

Ao analisar o processo de construção de uma memória institucional, foco deste trabalho, nas entrevistas de servidores antigos e novos pudemos perceber diferentes visões sobre a identidade escolar. Neste processo de entrevistas, diferentes visões se coadunam ou se opõem naquilo que se refere à construção de uma identidade institucional, especialmente devido às mudanças profundas sofridas no Campus com a criação de uma nova realidade institucional ao aderir ao projeto dos institutos federais de educação.

Na discussão da identidade da instituição, Cristiano Ferolla de Lima, professor de Agronomia desde 1983, partilha de uma visão de mudanças profundas que trouxeram desenvolvimento à instituição de ensino e, principalmente, ao município de Bom Jesus. Não só as transformações físicas e financeiras foram importantes para esta mudança, mas a mudança com a vinda de novos cursos, aumento de alunos e professores, qualificação dos mesmos e expansão do ensino:

- Fernanda: você já comentou (...) que você acha que essa mudança para o IFF foi um divisor de águas para a instituição. Fala mais um pouquinho por que isso foi um divisor de águas para a escola.

- Cristiano: Foi Fernanda, sobre todos os aspectos (...). Essa mudança foi total, foi na estrutura física, funcionários de modo geral, técnicos administrativos, docentes, discentes, maior aporte financeiro (...). Eu digo pros meus alunos, só não estuda quem não quer. Você não precisa sair de Bom Jesus para fazer um bom curso, e isso era uma coisa totalmente fora da realidade (...) no passado recente. Se você pega a década de 1960, é uma doideira (...) naquele momento, a cidade muito acanhada, muito contida, muito ligada à religião, com estratificação social bem definida, às dez a cidade morria (...)

- Fernanda: você acha que a identidade da escola mudou?

- Cristiano: Eu acho que sim. A escola era até então conhecida como escola agrícola, hoje não. O que é muito louvável, o que é muito interessante. Nós temos que ter um ensino agrícola cada vez melhor, sem dúvida, mas a gente tinha uma clientela que não tinha muita afinidade com a agropecuária, então que bom que [podemos] atender essa clientela, [o perfil dos alunos] mudou. A realidade socioeconômica também. Na minha leitura é. Pode ser que eu esteja enganado, que eu não tenho o perfil desses alunos. A princípio, a classe média bonjesuense se faz mais presente. Na minha percepção. (...)

A identidade [do Campus] está sendo moldada, está sendo lapidada, eu diria que a princípio sim. Porque se você a vê enquanto instituição, ela é muito recente. (ENTREVISTA DE CRISTIANO FEROLLA DE LIMA, 01.07.2014)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> As entrevistas de Cristiano Ferolla de Lima e João Renato de O. Escudini estão depositadas no Centro de Memória IFF Noroeste Fluminense, no Campus Bom Jesus. As entrevistas estão em fase de transcrição para posteriormente serem abertas para consultas educacionais.

A transformação da identidade do atual Campus também é vista por João Renato de Oliveira Escudini, atual diretor, professor de Ciências Agrícolas desde 1984 e ex-aluno da instituição, como algo natural, como uma mudança positiva dos tempos. Essa identidade é redefinida de acordo com os atores e o tempo, e o colégio vive uma constante transformação:

Quando nós tínhamos três turmas, da agropecuária (...) a gente estava acostumado a falar família do CTAIBB, família "Ctaibbana". Hoje já não usamos mais esse termo, porque [em] uma família a gente tem que conhecer o outro, tinha toda essa relação de carinho, (...) [que] foi mudando. Nós passamos de no máximo 90 alunos, para 300 alunos, num primeiro momento já foi um crescimento...

[o IFF], acho sim, que é um projeto bacana. Como todo projeto novo, não nasce redondinho. Tem que acertar muito. Essa parte dos campi, a parte de normatizar, é um grande feito do reitor, ele está fazendo. (...) tem muita coisa pra fazer. Isso eu acho que ainda leva uns quatro, seis anos, pra arredondar. (ENTREVISTA DE JOÃO RENATO DE O. ESCUDINI, 25.03.2014)

Em relação às diferenças de qualificação, aulas e alunos, João Renato também analisa que houve mudanças, negativas e positivas:

Eu tenho observado às vezes o número de aulas práticas [que] têm diminuído. Tem aumentado as aulas de sala de aula. Mas hoje nós temos outro tempo do professor, muitos recursos didáticos, computador em sala, internet, digital, ele pode lá mostrar uma planta, ele mostra ali com detalhes. Mas tem situação que não tem jeito, o aluno tem que estar lá no campo mesmo. (...) Na prática você treina (...) como todo profissional, já passei por isso (...) tem que se preparar pra enfrentar o primeiro emprego.

[De positivo], eu acho que esse grupo mais jovem [tem mais] qualificação. O nível de conhecimento, sem dúvida, melhorou, aí não só pelo fato de nós termos vários doutores, mestres, mas pessoal qualificado. Mudou com o número de alunos, a própria marca IFF pegou, pegou bem, (...) isso aí, na nossa época, [era] uma escola respeitada e tudo, mas ligada à universidade, CTAIBB era um apêndice mesmo. Sem dúvida foi um avanço. O diretor, quando chega em qualquer órgão aqui, isso abre as portas mesmo. ((ENTREVISTA DE JOÃO RENATO DE O. ESCUDINI, 25.03.2014)

Em relação à identidade da instituição, houve mudanças inevitáveis na sua percepção:

A identidade mudou. Isso é a dinâmica própria dela [ da instituição], se mudam as pessoas, muda a cara da instituição. Então hoje se [fizer] uma média de servidores, de idade, você vê que está [com] uma média bastante jovem. Se contar os antigos, vai encher uma mão, tá? (risos) Mais jovens, gente de quinze anos [de trabalho] pra baixo, dezoito anos pra baixo, meia vida, ne?



[O] IFF é uma instituição, que apesar de quarenta anos, é uma instituição novíssima, que tem muito o que aprender, crescer, batalhar, discutir, para chegar no nível que todo o mundo quer, a gente tem esse orgulho, mas a gente tem que avançar mais ainda. Isso daí, esse avanço que eu penso, isso é normal no ser humano, na instituição, ela tem que estar sempre avançando, porque senão a tecnologia avança, e isso te atropela... ((ENTREVISTA DE JOÃO RENATO DE O. ESCUDINI, 25.03.2014)

Desta forma, a partir do uso de depoimentos para compreender transformações sociais, institucionais, visões institucionais e se discutir um assunto relevante hoje nos institutos federais, que seria a construção de uma identidade ancorada na interiorização dos campi, ao mesmo tempo em que reflete políticas nacionais e um projeto educacional novo e ainda em construção, é possível compreender melhor não só o papel da instituição para o município mas como a memória institucional é fundamental para se pensar neste novo projeto educacional.

Ainda no processo de construção desta memória educacional, alunos e bolsistas tiveram papel fundamental para o andamento das atividades do Centro de Memória. Com bolsas Jovens Talentos para o Ensino Médio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), bolsas de extensão e de pesquisa do próprio Campus, foi possível não somente desenvolver o projeto, mas desenvolver no corpo discente práticas de pesquisa histórica, comuns geralmente no Ensino Superior. Estes bolsistas organizaram fotografias e as identificaram com servidores antigos; analisaram projetos desenvolvidos ao longo dos anos; analisaram fontes escritas de fundação do Colégio; participaram do processo de criação de roteiro, participaram das entrevistas e puderam, assim, vivenciar o cotidiano da pesquisa histórica e desenvolver capacidades de pesquisa, se tornando agentes da construção do conhecimento. Em depoimento, é possível perceber a mudança na visão do conhecimento histórico por parte da aluna Bruna Crisóstomo de Almeida, bolsista Jovens Talentos da Faperj entre 2012 e 2013 e aluna entre 2011 e 2013 do curso técnico integrado à Agropecuária:

Eu não sabia como era o trabalho de pesquisa histórica, eu pensava que era muito diferente. Eu não sabia os cuidados que nós tínhamos que ter, por exemplo [com] as fotos. Antes, eu deixaria em álbum, não veria importância em datar. Hoje, tenho mais cuidado com isso, vejo que são coisas importantes para a memória da instituição.

Antes, eu via a História muito como uma “historinha”, como algo muito distante. Hoje eu vejo como algo mais real, mais concreto. Eu gostava até de ler coisas sobre [História], era como se fosse um livro. Hoje, eu (...) estudo História já

pensando na realidade, levo mais para o cotidiano. (BRUNA CRISÓSTOMO ALMEIDA, outubro de 2013)<sup>2</sup>

Em um segundo depoimento, o bolsista Alan Polate da Silva, bolsista Jovens Talentos da Faperj e aluno entre 2011 e 2013 do curso técnico integrado à Informática, analisa a relação entre História ensinada e História pesquisada:

O projeto foi importante para mim porque mostrou (...) como, mesmo numa realidade próxima, existe toda uma História a ser resgatada e como funciona o trabalho do historiador para colher estas informações. Eu tinha uma ideia já porque tinha alguns livros [de História], mas foi diferente do que eu imaginava. Foi positivo, porque eu percebi que é muito pessoal, você ouvindo relatos e lendo documentos, aprende muito sobre a vida das pessoas.

A minha concepção de História mudou muito. Porque a História que a gente estuda em sala de aula é bem diferente de uma pesquisa histórica, e aí eu vi que a História vai muito além do que a gente estuda. Pretendo dar aula, quero ver como é dar aula, e a História tem muitos campos interessantes, e acho, depois de um tempo, [que] eu posso decidir qual caminho eu vou trabalhar. (ALAN POLATE DA SILVA, 2013)

Dentre as atividades efetuadas pelo Centro de Memória e relacionadas ao projeto de “Memórias do CTAIBB/IFF Bom Jesus”, podemos destacar a organização e identificação de acervo fotográfico; a digitalização do mesmo e sua organização em arquivo “na nuvem”, para evitar perdas futuras de fotografias, que já tinham sido castigadas em enchentes ocorridas no colégio e comuns na região Noroeste Fluminense; entrevistas de servidores e professores que atuaram na fase CTAIBB e permanecem hoje vinculados à instituição; a organização de três exposições sobre a História institucional, duas em Mostra Científica no próprio Campus, e uma no Espaço Cultural Luciano Bastos, espaço que se localiza no próprio município, e realiza exposições culturais abertas para a comunidade; transcrição e salvaguarda de documentos e das entrevistas, que serão abertas para quem desejar as utilizar para fins educacionais após o fim das transcrições.

Outras atividades realizadas pelo Centro e relacionadas aos três projetos existentes seriam as de pesquisa em jornal local, no site do IBGE e entrevistas sobre o comércio em Bom Jesus do Itabapoana; pesquisa sobre dois lugares de memória de Bom Jesus, que seriam o Clube Olympico F.C., e o clube do município vizinho de Bom Jesus do Norte, Ordem e Progresso F.C., com organização de exposição sobre os cem anos dos dois clubes; organização de documentário com oficinas realizadas pelo setor educativo do Instituto de Patrimônio Histórico e

---

<sup>2</sup> Os depoimentos de Bruna Crisóstomo Almeida e de Alan Polate da Silva foram colhidos para confecção de banner para a II Mostra do Conhecimento do Campus Bom Jesus e para a XV Mostra Jovens Talentos da Faperj, em 2013, depositado no Centro de Memória IFF Noroeste Fluminense.

Artístico Nacional (IPHAN), em andamento; participação de alunos e professores em mostras de pesquisa no Campus e em Encontro de Educação em instituição de ensino superior; pesquisa e inserção de conteúdos sobre a História e patrimônio local nos sites da *Wikimedia Foundation*, mais especificamente na Wikipédia, enciclopédia virtual desta organização, que recebe colaborações de todas as partes do mundo, projeto também em andamento.

Desta forma, o Centro de Memória IFF-Noroeste Fluminense buscou, nesses dois anos de existência, consolidar uma prática de pesquisa no Campus, valorizar a memória local a partir de estudos que conciliassem interesses das comunidades escolar e interesses da comunidade local. Tentou, com isso, incentivar o trabalho de pesquisa e extensão nos institutos federais, uma das “missões” instituídas no momento de sua criação, além de trazer à tona uma História que ainda tem muito o que se pesquisar e valorizar, trazendo um novo papel aos sujeitos e comunidades locais, que são atores fundamentais desta memória em construção.<sup>3</sup>

## ANEXOS

### ANEXO 1



Trabalho no Campo, década de 1970. Fonte: Acervo Campus Bom Jesus.

---

<sup>3</sup> Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura do Instituto Federal Fluminense, promotora do projeto de Centros de Memória no Instituto, a Diretoria de Pesquisa e Extensão do Campus Bom Jesus e ex-alunos e alunos bolsistas que participaram das etapas de construção do Centro de Memória e de seus projetos ligados à memória de Bom Jesus.

## ANEXO 2



Desfile do Colégio na Festa de Agosto, 1970. Acervo: IFF Campus Bom Jesus

## ANEXO 3



Exposição “Memórias do CTAIBB/IFF Bom Jesus”, agosto de 2013. Acervo: IFF Campus Bom Jesus.

## ANEXO 4



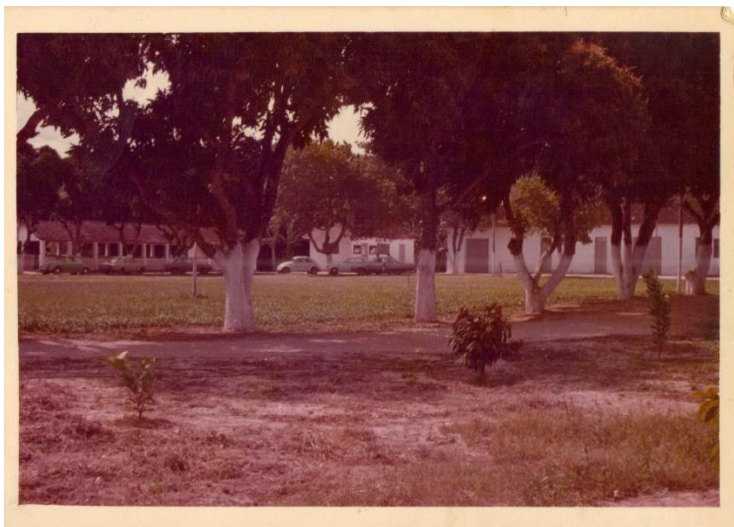
II Mostra do Conhecimento do IFF Campus Bom Jesus, outubro de 2013.  
Acervo: IFF Campus Bom Jesus

#### ANEXO 5



Equipe do Centro de Memória, exposição “Memórias do CTAIBB/IFF Bom Jesus”. Acervo: IFF  
Campus Bom Jesus.

#### ANEXO 6



Campo de futebol do CTAIBB com salas ao fundo, década de 1980. Acervo: IFF Campus Bom Jesus

#### ANEXO 7



Pavilhão de Ensino e entrada do IFF Campus Bom Jesus, 2011. Acervo: IFF Campus Bom Jesus

#### BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. Da “versão” à “narrativa” no Manual de História Oral. In: **História Oral**, v. 15, n. 5, p. 159-166, jul-dez 2012.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janáina e FERREIRA, Marieta de M. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

**IBGE. Estatísticas de cidades, Rio de Janeiro.** In: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=33&search=rio-de-janeiro>, acesso em 08.07.2014.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PACHECO, Eliezer, PEREIRA, Luiz Augusto e DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. Educação profissional e tecnológica: das Escolas de Aprendizizes Artífices aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. In: **T&C Amazônia**, Ano VII, Número 16, pp. 1-7, Fevereiro de 2009.

RABELO, Fernanda L. e MOREIRA, Eduardo. Lugares de memória de Bom Jesus do Itabapoana: a recuperação do patrimônio imaterial do município a partir de registros orais e visuais. In: **Anais do X Encontro Regional de História Oral. Educação das Sensibilidades: violência e desafios contemporâneos**. Unicamp, 10 a 13 de setembro de 2013. In: [http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372613388\\_ARQUIVO\\_Lugares deMemoriadeBomJesusdoItabapoana\\_FernandaRabeloeEduardoMoreira.pdf](http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372613388_ARQUIVO_Lugares deMemoriadeBomJesusdoItabapoana_FernandaRabeloeEduardoMoreira.pdf), acesso em 08.07.2014.